

O OLHAR DE MARCELA

O cão a puxava. Sem governar os pés enfiados pelo calçamento ruim das ruas, Marcela se deixava arrastar para onde ele a levasse. Súbito, o cão parou junto a um poste. Enquanto o via urinar, ela sentiu na memória o jato quente e amarelado de antigas lembranças.

Amanhecia e, como um diamante, a Estrela Dalva enfeitava o pescoço arroxeadado do céu. Mesmo não conseguindo mais dormir, Marcela não abriu os olhos para que o pai não a mandasse pegar no sono. Quando ele a via acordada em hora imprópria, engolia as cantigas que assobiava, cobrindo a face de homem pacato com o mais temível dos rostos.

O grande espelho que o pai pendurara numa das paredes da sala minúscula não lhe saía da cabeça. Ao ficar diante dele, Marcela não se via. Ou melhor, aquela que via era outra, não ela. Se sorrisse, a outra prontamente caía em lágrimas; se piscasse, a outra mantinha os olhos bem abertos; se gritasse, a outra cerrava os lábios. E a outra era mais bonita, bem mais bonita, por isso tinha um medo incontido de que ela saísse do espelho e lhe tomasse o lugar no mundo. Assim, temerosa e inquieta, ficava até o sol devorar os restos da noite, quando então tia Dulce, que não era sua tia de sangue, a levava para a barraca onde fritava e vendia peixes na praia.

Desde que se entendeu por gente, Marcela soube que o pai e o barco eram uma coisa só. No barco, o pai tinha um amigo de muitas histórias; no pai, o barco encontrava o capitão que o fazia rasgar as águas e deslizar mansamente até o horizonte sem fim. Aos dois se juntavam algumas tarrafas, que lançadas ao mar brilhavam como se fossem de prata.

Soltando as amarras do barco, o pai continuava a assobiar e com isso ninava as ondas. Todas as manhãs, ele e o amigo abraçavam a solidão que os abraçava com sua doce monotonia. Quando voltavam, no pescoço do céu já se via um cintilante colar de estrelas. Naquele dia, porém, tudo foi diferente. Sem dizer por que, o mar trocou a candura habitual por uma raiva incomum em quem ouvia com tanto gosto as cantigas do pai. Os dois amigos

fizeram de tudo, mas ele os abocanhou, cuspiendo-os mais tarde na praia deserta. O pai, olhos escancarados e sem brilho, não pôde ver o preto que as mulheres da aldeia vestiram por vários dias.

Nas horas que se seguiram à morte dele, Marcela ouviu coisas bonitas, mas difíceis de entender. Contaram-lhe que o pai subira ao céu e se tornara uma estrela tão brilhante quanto a Dalva. Vida de estrela é boa? – perguntou com voz miúda, olhos chorando a incompreensão dos seus oito anos. Essa resposta nem tia Dulce pôde lhe dar. Balançando a cabeça, ela apenas disse: a menina agora vai me chamar de mãe Dulce. E lhe enfiou nas mãos um estojo de maquiagem vazio para que brincasse com ele. Ao abri-lo, Marcela viu que no espelhozinho redondo a outra também se escondia. Sentiu ainda um pouco de medo, mas não aquele pavor de que ela tomasse seu lugar no mundo. Mesmo assim, a outra continuava a ser mais bonita do que ela.

Passou então a viver na casa nova. Lá moravam Dulce, o marido dela e os filhos, três garotos de idades diferentes que logo chamou de irmãos. O menor ainda chupava chupeta, o mais velho já tinha jeito de homenzinho e o do meio, com quem regulava em idade, não gostou de ver a família aumentar. E, não gostando, nada fez para conviverem bem. Certa vez, numa noite cortada por raios e trovões, colocou um siri no rosto dela durante o sono, provocando-lhe um doloroso corte no nariz. Em outro dia, bem no finzinho da tarde, aproveitou que os pais tinham saído para levar o irmão caçula ao posto médico e derramou óleo de fritura na esteira em que ela dormia, ateando fogo em seguida. Não fosse a pronta intervenção de um amigo da família que passava de bugre pelo local, teria ardido como uma tocha. Seis meses depois, o irmão incendiário se engasgou e morreu com uma espinha de peixe entalada na garganta.

Mãe Dulce não lhe deu escola. Disse que ficava longe, a 10 km da aldeia. Ensinou-a apenas a escrever o próprio nome, que já seria suficiente para provar ao mundo sua existência. Deu-lhe, porém, afazeres domésticos e trabalho árduo na barraca de peixe frito. E assim correram mais cinco anos seus.

O cão a puxou de novo. Começava a chover forte e Marcela não tinha mais pernas, só membros inferiores trôpegos, bêbados de cansaço. Curioso, o

animal pôs-se a fuçar o lixo esparramado numa esquina. Deveria impedi-lo? Por certo, mas, além das pernas, não podia comandar o passo das lembranças. Dos rejeitos remexidos pelo cão, subiram de pronto os cheiros de Pedro.

Na noite em que fez treze anos, Marcela ganhou um bolo de chocolate com cobertura de geleia vermelha, que todos comeram até se fartar, menos Pedro. Ele, outro dia um homenzinho, tinha músculos de aço nos braços tatuados com dragões, e barba mal feita no rosto bonito. Não gostava de doces. Para celebrar a data, resolveu fazê-la mulher. Tudo aconteceu quando a madrugada insinuante os envolvia e a lua cheia derramava uma luz leitosa sobre suas peles sedentas de amor. Revirando os olhos castanhos amendoados, ela enlaçava com vontade a cintura que se rendia às suas pernas roliças como um sentenciado se rende à prisão. E murmurava o ininteligível quando a língua do prisioneiro abria sendas de prazer nos seus ouvidos ou deslizava languidamente pelos seus mamilos salientes e intumescidos.

Como certas novidades não costumam vir sozinhas, algumas semanas depois já era possível notar a presença de um pequeno volume na sua barriga. Muito sério, o pai de Pedro disse a ela que se preparasse para casar, mas aqueles não eram os planos do rapaz. Enamorado pela própria juventude, ele não queria ter sobre os ombros as responsabilidades de uma família. Fazia móveis de madeira para vender, mas sabia que sua habilidade com o material ia muito além daquilo. Gostava de esculpir pequenos animais e rostos de santos. Sua vontade era criar asas e voar alto, para bem longe da aldeia, para onde tivesse chance de se tornar um artista reconhecido. Se ficasse ali, não teria como descumprir a ordem do pai, por isso sumiu sem deixar rastros. Na tentativa de o encontrar, mãe Dulce percorreu a praia inteira, perguntou a quem podia perguntar, mas seus esforços se perderam nas areias da desinformação e do descaso alheio.

Logo depois de a neta nascer, ela e o marido foram irredutíveis: Marcela tinha que ir em busca do próprio sustento. Se quisesse, podia deixar o bebê com eles. Não quis. Com uma trouxa de roupas nas costas e a filha nos braços, saiu da casa, deixando para trás os ecos do amor clandestinamente

feito com Pedro. Antes de sair, pegou o estojo de maquiagem que ganhara aos oito anos e se mirou brevemente no espelho. Como de costume viu a outra, mas já não teve medo algum de que ela lhe tomasse o lugar no mundo. E não a achou tão bonita quanto sempre a achara.

Em Abricó dos Anjos, onde poderia ter estudado, havia dois bordéis para trocar o corpo por teto e comida. A dona de um deles detestava crianças. A do outro, pelo contrário, as adorava. Foi para este, então. Lá chegando, jurou por todos os santos que aprendera a reverenciar: não deixaria a filha ter o mesmo destino da pequena que vira no chão mal pusera os pés na cidade. Inerte, com a face envolta pela dança interminável das moscas varejeiras e o corpinho pardo entregue à palidez do abandono, a pequena já não escutava o repórter da TV nem as explicações do chefe da polícia.

Marcela viveu tempos sombrios, mas aprendeu a ler e a escrever e ainda pôs a filha Bárbara na escola. Deu-lhe esse nome por achá-lo bonito e porque um babalorixá lhe disse que seria de boa fortuna para uma filha de lansã. Ao vê-la ontem no noticiário das nove, um Palma de Ouro na mala, jornalistas de vários países a sua volta, dissipou as últimas dúvidas: fizera mesmo uma boa escolha não a deixando com os avós.

Depois de tudo cheirar e de fazer as últimas necessidades, o cão a puxou até à porta de casa. Um silêncio alucinante revelava que Roberval ainda não voltara. Pensar no retorno compulsivo do marido, como acontecia todo final de tarde, esfriou um pouco mais a roupa encharcada de chuva que Marcela tinha colada à pele. Desde que encontrara Roberval e saíra do meretrício – isso já fazia um bom punhado de anos –, ele se mostrara gentil quando era devidamente obedecido. E os comandos que lhe dava sempre a puxaram como hoje o cão dele a puxa.

Ao entrar em casa, dos cabelos cheios d'água, que há muito não tingia, gotas pesadas escorreram e se quebraram ruidosamente no piso encerado. Com ar imperial, o cão a fitava em silêncio, como se adivinhasse seus pensamentos, como se condenasse o que ainda iria fazer. Ignorou-o, afinal ele era os olhos do seu marido, a sombra do seu marido, a coleira que seu marido de setenta e cinco anos usava para prendê-la. Ao ouvir o primeiro latido pungente, veio-lhe uma vontade colossal de se ver no grande espelho ovalado

do quarto de dormir. Mirando-se nele, percebeu que a outra que por tanto tempo a perseguira era tão somente um pano cheio de franzidos e dobras. Sem hesitar, passou-a com o ferro quente de um olhar penetrante, resolutivo, único, emprestando-lhe assim sua própria beleza. Trocou de roupa e, sentindo-se inteiramente Marcela – pernas firmes, pés sem dor, alma sem coleira, – abriu a porta da rua. Em poucos segundos, tomou o elevador e sumiu do marido sem deixar rastros, como um dia Pedro sumira da sua vida.

OS VIDROS

Estava vazio e por um triz não se quebrou. É um vidro do xarope adocicado que Joel costuma usar quando tem irritação na garganta. Para comemorar o aniversário de cem anos do medicamento, o fabricante produziu um lote especial com frascos em formato retrô. Graças a um movimento incrivelmente preciso, Joel segurou o objeto antes que se desmanchasse numa multidão de cacos cor de âmbar. Satisfeito com a destreza, muito incomum em suas mãos desajeitadas, pensou que a ação salvadora talvez tivesse algum propósito. Guardou então o frasco numa das prateleiras da estante do quarto como se fosse um troféu.

Desde os dezesseis anos, Joel se encanta pelos vidros. Descobriu isso depois de visitar a oficina de um mestre vidreiro em Minas Gerais. Enquanto soprava por uma das extremidades da cana e fazia a massa incandescente girar, o artesão punha nela a própria alma e a moldava conforme os mandamentos da vontade. Em seguida, saudava sua criação com um largo sorriso, tão cativante e tão branco quanto o jaleco impecavelmente assentado no corpo miúdo. Pena que o vidro quebra, disse-lhe Joel, olhos estupefatos, ao que o vidreiro respondeu, comendo sílabas de uma ou outra palavra: se o moço faz bom uso, vidro que é seu num quebra não.

Lembrando-se desse fato, Joel se lembrou também do que a mãe sempre repetia: bom uso não é abuso. Queria muito ter estado com ela no último Natal, mas, no ano passado, pouco antes de a primavera findar, Bertha partiu deste mundo, deixando uma pequena herança e um grande desejo: que ele largasse de tanta besteira e fosse pai pelo menos uma vez na vida. A mãe não se importava com quem ele teria o filho. Fosse com Rosita ou não, o sangue genuinamente prussiano dos Weissmann correria nas veias de um novo alguém. Para Joel, o desejo dela não era fácil de atender. A paternidade lhe parecia desafiadora, repleta de responsabilidades que aos quase trinta e cinco anos ainda não estava preparado para assumir. Algum dia estaria? Como saber? Algum dia não era hoje nem amanhã. Até que esse dia chegasse, talvez aprendesse a segurar um bebê no colo.

Há muitos meses o frasco retrô está na estante. Depois dele, outros objetos de vidro também foram parar lá. Rosita, que os acha inúteis, não dá sinais de vida há duas semanas. Quantas luas diferentes ainda brilharão no céu até que ela apareça de novo? Na tarde chuvosa do segundo sábado de novembro Joel não tem a menor ideia, não pode prever por quanto tempo o vulcão Rosita ficará em erupção. Por conta desse temperamento ígneo, a namorada não conseguiu continuar no curso de Arquitetura, mesmo faltando pouco para se formar. A duras penas formou-se em Antropologia, depois de um sem número de rugas com a maioria dos professores. Sendo assim, lava jorrando constantemente, Rosita começa a enfastiá-lo. Conheceu-a há três anos. Ela, cabelos longos e soltos, fora buscar no correio uma encomenda e, por sorte ou por azar, entregou sua senha justamente no guichê de número dois. Atrás do vidro reluzente, ele estava porque precisava estar, a funcionária habitual saíra para ir ao médico. Em geral, o serviço de Joel é outro, de natureza administrativa. Separados pelo balcão do guichê, Rosita e ele trocaram olhares até que ela pedisse o que viera buscar. Solícito, Joel levantou-se e se dirigiu ao setor em que ficavam guardadas as encomendas. Quando voltou – uma inesperada cumplicidade iluminava seu rosto –, foi logo dizendo: nada quebrou, pode abrir e conferir.

Como é que você sabe? – o espanto de Rosita ao falar a tornava mais bela – isso veio do Parque Indígena do Xingu e o transporte aéreo é sofrível. Eu sei, disse ele confiante, mas pode abrir sem susto. Se tiver alguma peça trincada, pago o seu prejuízo. Apostou alto, porque tamanha segurança não tinha. Uma coisa, porém, era-lhe mais do que certa: precisava sair com aquela ruiva de olhos claros depois do expediente.

Perplexa e ao mesmo tempo incrédula, Rosita fez menção de colocar uma presilha nos cabelos enquanto avaliava se ia ou não abrir as duas caixas na presença dele. Mas seu gesto ficou parado no ar quando ouviu que devia deixar os cabelos soltos. Transparentes, espontâneas, sensuais, as palavras daquele funcionário enigmáticamente sedutor tocaram sua alma de um jeito tal que era impossível não sorrir e não fazer o que ele sugerira. Ao abrir as caixas, ela constatou então que as cerâmicas dos Camaiurás e dos Matipus estavam

realmente intactas, e assim não teve como recusar o convite para um *happy hour*, que veio nem bem começara a reembalar as peças.

Encontraram-se às seis da tarde num pub irlandês da avenida da praia. No ambiente lúgubre e rústico, mesas e bancos de madeira pareciam reféns de uma gigantesca TV de LED encravada na parede de tijolos crus oposta à entrada. Felizmente para ambos, estava desligada e não lhes encharcaria os olhos com competições esportivas ou clipes musicais que não tinham vontade de ver e ouvir. Sedento, Joel pediu logo sua bebida favorita: chope duplo com bastante espuma. Rosita, avessa ao álcool, preferiu meia jarra de limonada francesa sem açúcar e com gelo à parte. Como os dentes afiados da fome já os mordessem, mandaram vir porções de isca de peixe e de batatas recheadas com creme de queijo e bacon. Comeram tudo avidamente, deixando a conversa fluir. Em dado momento, pouco importando a proximidade das outras pessoas, enamoradas ou não, suas bocas e línguas se colaram para não desgrudarem pelo resto da noite.

Rosita e Joel: um casal perfeito? Nos primeiros tempos, quase. A bem dizer, entendiam-se: nem um nem outro era escravo das redes sociais e filmes *cult* europeus, acompanhados por sopas de preparo instantâneo, bastavam para deixá-los felizes. Até porque não se davam ao trabalho de perguntar à vida se deviam ou não almejar felicidade maior. Ele não tinha grandes ambições profissionais e ela também não fazia projeções para o futuro, exceto a de morar entre os índios do Alto Xingu ou de outra reserva em que resolvesse se radicar. Precisaria, é claro, moderar o gênio impulsivo, mas havia tempo para isso, afinal o plano ainda estava a pelo menos três décadas dos sábados e domingos que passava ao lado de um Joel muito caseiro.

Seis meses antes de ter começado a juntar seus vidros, Joel foi com Rosita visitar a mãe em Friburgo. Muito magra, Bertha usava um turbante lilás, não porque se arriscasse a prever o destino das pessoas ou coisa parecida, mas porque a quimioterapia a deixara sem nenhum fio de cabelo. Olhou a ruiva elegante, de trinta anos, com certo interesse. Antes ouvira falar de Marina, de Francisca, de Iasmin, mas nenhuma delas se dispusera a subir a serra, nenhuma se submetera ao crivo do seu olhar. Não se achava rigorosa, mas precisava saber se a escolhida era capaz de fazer um pai de família emergir

daquele filho arredoio ao casamento e à paternidade. Isso ainda esperava da vida, pois com saúde melhor não poderia contar quando o tratamento terminasse, se é que seus dias não iam terminar antes dele.

Tocada pelos ares agradáveis da região serrana e pela sensação de que Bertha não viveria muito, sendo talvez o encontro entre as duas uma daquelas ocasiões em que a primeira e a última vez estabelecem entre si um elo indissolúvel, Rosita pacientemente a escutou repetir que não podia ter o sobrenome enterrado quando Joel morresse. O falecido Ludwig Weissmann não merecia isso. Sua severidade germânica por vezes fizera do filho um menino introspectivo e amedrontado, mas a bondade do seu coração era indiscutível. E perante o fastio de Joel, que por detestar aquele tipo de assunto começava a resmungar em alemão, Bertha passou a discorrer longamente sobre o marido, homem cujo único vício era guardar insetos mortos em pequenos vidros cheios de formol. A coleção emprestava ao sótão um ar de cemitério, mas, em respeito a Ludwig, ela a preservou por mais que a achasse repugnante. Não se sentindo à vontade para dar bom uso às prateleiras, mantinha aquele abuso cometido ao longo de muitos anos.

O discurso de Bertha, recheado de minúcias, Joel já conhecia de cor e salteado. Entretanto, a dificuldade com que a mãe falava fazia o fastio dele dar lugar a uma apreensão crescente, impossível de não ser notada por Rosita, pois cada palavra de Bertha soava como um grão de areia a menos na ampulheta que a morte prendera em seu turbante lilás.

Lembranças em curso, Joel continua admirando os vidros que juntou desde o começo de janeiro. Em breve precisará organizá-los, as garrafas de cerveja vazias foram tomando as prateleiras da estante e já não há muito espaço para que outros objetos possam morar ali. Coçando a vista direita um tanto irritada, ele reconhece que anda bebendo mais ultimamente. Boa parcela do seu ânimo se deve à cerveja, parceira de incontáveis e aprazíveis momentos, mas também a piora da tosse é de responsabilidade dela. Com uma mistura de gosto e desgosto na alma vítrea, fixa o olhar na primeira garrafa que guardou. Veio da Bélgica e tem a bandeira daquele país pintada no gargalo. As demais, de diferentes procedências, em pouco tempo formaram uma numerosa legião estrangeira.

Feita com aglomerado de baixa qualidade, a pequena estante do quarto abriga moradores diversos: livros de bolso, compêndios escolares, CDs, DVDs, vinis, canecas decorativas de louça e os vários vidros que foram se acumulando. No dia em que se deu conta da bagunça reinante no móvel, Rosita nada disse. Talvez Joel ainda não tivesse arrumado disposição para jogar fora as garrafas de cerveja, os frascos de xarope e outras coisas inúteis. Cogitou, então, fazer isso enquanto ele tomava banho. Não o fez, mas perguntou por que tudo aquilo era guardado. Depois de repetir algumas vezes que bom uso não é abuso, Joel a irritou ainda mais quando disse que juntar vidros era como cultivar amizades. E prezava tanto sua coleção que chegava a conversar com ela. Ambos eram feitos da mesma matéria primordial, por isso se entendiam bem.

Incomodada, Rosita ficou quieta. Talvez estivesse diante de alguém que não soubesse mergulhar no mundo e, quando tentava, caía irremediavelmente do lado de fora. Daí o pouco interesse dele pelas novidades que lhe contava e até mesmo pelo sexo, gênio raro na cama dos dois nos últimos tempos. Sobre a mesinha de cabeceira que nunca fora compartilhada com ela, a lâmpada árabe antiga, feita de metal bem trabalhado, parecia ter aprisionado esse gênio por muitas e muitas noites. Sem dúvida, a morte de Bertha, em novembro passado, produzira um Joel diferente, mas como ele não falava das próprias dores e aflições, acabava por ficar trancado nelas. Era, portanto, difícil e até exasperante arrancá-las dele.

Buscando quebrar o silêncio que ricocheteava nas paredes do quarto, Rosita tirou uma das garrafas de cerveja vazias da estante e investiu novamente: mas não precisa guardar esse tipo de porcaria, precisa? Tem coisa melhor pra você fazer. É só procurar que acha.

Meu mundo não é o seu, retrucou Joel como se quisesse que o mar escuro dos seus olhos tragasse toda a incompreensão dela. A namorada ainda insistiu: mundo inútil, mundinho infeliz, Joel. Então, o que é que você tá fazendo nele? – disparou Joel com uma voz tão gélida quanto o mar que Rosita via avançar sobre ela. Para não ser tragada, achou melhor não responder e, puxando a bolsa do cabideiro cujo laqueado branco dera lugar a encardidos e descascados, saiu do quarto. Sentando-se na cama, Joel ouviu a porta do

apartamento ser batida com violência, tal como Rosita a batera no dia em que sentiu ciúmes de uma turista alemã a quem ele prestou ajuda numa agência bancária.

Na modorra da tarde continua a chover. Há pouco mais de um ano, Bertha morreu. Mirando a foto em preto e branco dela, pendurada na parede oposta à da estante, Joel sente que o sábado despeja a tristeza a conta-gotas no seu peito. De repente, o interfone toca. Como não espera por nada nem por ninguém, ele o ignora. Em frente ao gradil da portaria, Rosita aciona outra vez o aparelho. A chuva aperta. Enquanto ela aguarda, abre a sombrinha, que de pronto é arrancada da sua mão pelo vento inclemente. À mercê das águas que jorram do céu, volta correndo para o carro, estacionado numa rua lateral próxima. Com a raiva em erupção, quer prender os cabelos, mas pensa na terrível dor de cabeça que depois teria caso os prendesse assim encharcados. Envia, então, uma mensagem de áudio para Joel: não me atendeu por quê? Sei que tá em casa! Responde, vai!

Ouvindo a mensagem, Joel experimenta certo conforto por não ter atendido ao interfone. Imagina uma Rosita arrependida e ansiosa para entrar no prédio, Rosita que enxuga o rosto a todo momento porque com aquele vento forte é impossível mantê-lo ao abrigo da chuva. Se tivesse visto a sombrinha rodopiar antes de cair a muitos metros dela, talvez sentisse pena.

Os poucos instantes que Rosita espera sem receber qualquer retorno parecem se estender pela eternidade. A blusa fina, colada à pele pela mistura insuportável de suor e chuva, faz seu humor piorar a cada respiro no interior abafado do carro. O ar-condicionado há muito pede conserto, mas até o momento não foi atendido. Em meio ao desconforto estonteante, ela grava um ultimato: tá morto? Fala comigo! Se não falar, faz de conta que eu é que morri!

Na geladeira, uma garrafa de cerveja sul africana pergunta a Joel, desejoso de exilar o desalento, se não é hora de ser esvaziada. Com um gesto líquido, ele responde que sim. Se tivesse ouvidos caninos, por certo escutaria o canto desafinado dos pneus do carro de Rosita quando dobraram a esquina. Por sorte, não os tem. Enquanto bebe, indaga que coisa importante deixaria de fazer se de fato tivesse morrido. Não costuma pensar na morte, que lhe parece uma estação longínqua na travessia segura do seu trem. Em sua cabeça

irrompe, porém, uma obviedade surpreendente: se morresse de um instante para o outro, não realizaria o desejo da mãe. Isso o faz sentir um incômodo ainda não experimentado: o que antes estava no seu justo e perfeito lugar não se encontra mais nele. É, portanto, um incômodo que vai além da tristeza e lhe dá a sensação de que tudo ao redor se converteu num deserto de cristal.

Olhando novamente para a estante, Joel ouve um sussurro que vem dos vidros: recicle-se, seja pai. Lembra-se então de que nunca tocou nesse assunto com Rosita, mesmo depois de terem visitado Bertha. O que ela pensaria a respeito? Ache o que achar, não há mais clima para continuarem juntos, as constantes erupções dela se tornaram uma obstrução de via férrea que é urgente remover. Antes, também bloquearam a via as festas intermináveis de Marina, os negócios fracassados de Francisca, o naturismo radical de Iasmin. Infelizmente, seu trem vem tendo alguns percalços ao longo da travessia.

Açoitado por tantos pensamentos e lembranças, Joel sente dores no corpo, como se pequenas fissuras se formassem em diferentes pontos do seu esqueleto. Caso resolva se reciclar, caso venha a ser pai, o que fará com a sua falta de jeito? E com o despreparo resiliente que o impede de assumir grandes responsabilidades? O que restará do maquinista de alma vítrea, tão transparente quanto incompreendida, que até hoje tem conduzido o seu trem? A garrafa de cerveja vazia então o avisa: do jeito que o maquinista está, totalmente aturdido em meio ao deserto de cristal, o trem corre sério risco de descarrilhar. Sem contestá-la, ele fecha os olhos e saboreia uma tépida e aconchegante certeza: mesmo reciclados, vidros ainda são vidros.